

Notas

- ¹ O discurso de Desmond Tutu encontra-se acessível no endereço <http://sicnoticias.sapo.pt/mundo/2013/05/22/desmond-tutu-antigo-arcebispo-sul-africano-premiado-em-londres> (consultado em 29 junho de 2013).
- ² Miguel Real, *Nova Teoria do Mal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2012, p. 18.
- ³ Cf. Giorgio Agamben, "Da utilidade e dos inconvenientes do viver entre espectros", in *Nudez*, Lisboa, Relógio D'Água, 2010, p.55.
- ⁴ Cf. Adriano Henriques, "Este é o planeta das bactérias". Entrevista de Ana Sousa Dias. *Ler*, n.º 125, junho 2013, pp. 24-31 e 91.
- ⁵ Cf. George Steiner, "Terá a verdade um futuro?", in *Nostalgia do Absoluto*, Lisboa, Relógio D'Água, 2003, pp. 69-81.
- ⁶ Cf. António José Saraiva, *O que é a Cultura*, Lisboa, Gradiva, 2003 (cf. entrevista por Leonor Curado Neves, pp. 41-69).
- ⁷ *Op. cit.*, pp. 20-21.

A cultura é feiticeira Helena Sousa*

Tal como o silêncio, o amor e a morte, a cultura é uma palavra feiticeira. Encerra em si todos os sentidos e todos os seus contrários. Numa conceção verdadeiramente ampla, não existe nada que não seja cultura. Não existe não-cultura. Toda a produção do humano, nas suas mais diversas possibilidades e recortes, é cultura ou, se preferirem, vai sendo cultura. São os modos de vida, os modos de estar, os modos de sentir, tanto no plano individual como coletivo. As escolhas das sociedades em termos de organização social, política e económica não podem, nesta leitura vasta, deixar de ser cultura. Cultura é uma palavra que tudo pode, ainda que correndo o risco de nada valer.

Não é, no entanto, com esta amplitude, que falamos de cultura. No dia-a-dia, cultura vai querendo expressar a música, a dança, a pintura, o teatro, a fotografia, a escultura, artes performativas, a literatura, o cinema, o audiovisual, o *design*, a moda, a arquitetura, os jogos, enfim... todos os lugares da criação, todos os espaços onde a expressão do humano ultrapassa a resposta direta e imediata ao que podemos considerar necessidades básicas. A cultura não

* Presidente do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e Professora Cate-drática do mesmo Instituto.

se come, a arte não tira o frio, um poema não abriga ninguém. Trata-se de um só e aparentemente supérfluo que, afinal de contas, faz das pessoas gente.

A cultura, entendida como expressão artística, como a fala do corpo e do espírito, não pertence, portanto, ao domínio do acessório mas ao que de mais necessário e sublime os indivíduos e as sociedades conseguem produzir para se expressarem, para partilharem, para construir e para se distinguirem do Outro em relação. A importância transversal da cultura, nas suas manifestações mais populares ou mais eruditas, foi sendo socialmente reconhecida ao longo do tempo e hoje a cultura é (ou deveria ser) uma dimensão estruturante e transversal das políticas públicas.

Nas sociedades democráticas, os cidadãos têm direitos à comunicação e à cultura: têm direito a aprender e a usar a(s) sua(s) língua(s), têm direito à informação, têm direito à educação e à ciência, têm direito à criação e à fruição de bens culturais, das artes e dos saberes. Têm, pelo menos formalmente, liberdade para usufruírem destes direitos e têm condições de acesso a estes bens. E estes direitos fazem de um coletivo um lugar de partilha, uma comunidade, um espaço público de cidadania.

O usufruto destes direitos exige políticas específicas, requer intencionalidade, convergência de vontades e não dispensam, é claro, recursos para a sua materialização. Nas leis, as sociedades contemporâneas realçam sistematicamente o lugar da comunicação e da cultura para o desenvolvimento integral da pessoa humana e para a coesão social... e, melhor ou pior, lá se vão desenhando os textos que nos dizem particulares e diferentes e lá se vão implementando as políticas nesta esfera.

Como todas as políticas, as políticas culturais variam profundamente no tempo e no espaço. Às vezes, é privilegiado o apoio à chamada 'alta cultura', como a música clássica ou bailado, por serem artes especialmente exigente em termos de formação e de difícil sobrevivência no mercado livre da cultura. O mercado cultural tende a excluir o mais complexo e tende a massificar a oferta. Deste ponto de vista, o apoio à cultura enquanto expressão artística visa garantir a diversidade da oferta cultural. Outras vezes, é dada particular atenção às políticas culturais que privilegiam a criação de públicos, o acesso mais democrático às

expressões artísticas e a participação das pessoas na própria criação artística e cultural. Estes 'lados' são evidentemente marcadores artificiais, tanto mais que quase todas as sociedades procuram combinar estas duas dimensões nas suas opções políticas para a cultura.

Em qualquer caso, é notório que os países internacionalmente mais competitivos investem fortemente na cultura porque a cultura é inspiradora, mobilizadora e capacitadora. As línguas nacionais são entendidas como património identitário e como ativo económico; a escola é lugar para a promoção ativa das expressões artísticas e das diferentes linguagens; os meios de socialização que são hoje as redes sociais, a rádio e a televisão (nomeadamente nas suas dimensões de serviço público) são identificados como potenciadores das artes, dos saberes, da ética e da estética.

Os países fazem-se pela cultura porque é na cultura que se vão tecendo as comunidades. O respeito pelos espaços públicos, pelas instituições coletivas e pelo Outro são possíveis quando a expressão do humano toca o intangível e o dissemelhante, fazendo com que cada pessoa seja um ser mais inteiro e fazendo com que cada país seja uma comunidade de sentido partilhado e de destino comum. A cultura é o sistema de navegação de um povo. É a bússola que permite a procura e a orientação e que, por isso, torna possível a perda e o reencontro. A cultura é mágica e feiticeira. Tudo pode.